



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal de Piracicaba

Data: 04-11-07 (domingo)

Caderno/ Páginas: Capas e Cidades / A-5

Assunto: Reflorestamento

Mateus Medeiros/JP



RECUPERAÇÃO O pesquisador da Esalq Flávio Gandara aponta que o reflorestamento de 11,5 mil hectares de margens dos cursos d'água pode representar o seqüestro de 181,5 mil toneladas de carbono. ► **PÁGINA A-5**

Reflorestar margens pode seqüestrar CO₂

Recuperação dos 11,5 mil hectares de margens dos cursos d'água da cidade tem potencial para seqüestrar 181,5 mil toneladas de carbono

RODRIGO GUADAGNINI
rquada@pjournal.com.br

O reflorestamento de todos os 11,5 mil hectares de margens dos cursos d'água degradados ou ocupados irregularmente em Piracetaba (estimados pelo Atlas Rural) tem potencial para seques-

trar 181,5 mil toneladas de carbono em um intervalo de cinco anos.

O cálculo foi feito, a pedido do **Journal de Piracetaba**, pelo pesquisador Flávio Gandara, professor do departa-

mento de Ciências Biológicas da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), que coordenou um projeto, patrocinado pela Petrobras de fixação biológica de carbono com espécies do bioma Mata Atlântica.

O volume de carbono sequestrado pelas Áreas de Preservação Permanente (APPs) seria semelhante, por exemplo, ao emitido por todas as atividades da Esalq (incluindo o uso de carros por funcionários, alunos e profes-

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

funcionários, alunos e professores) pelos próximos 90 anos, considerando os dados do Plano Diretor Socioambiental Participativo da Esalq.

Caso fossem considerados apenas o uso dos 1.867 veículos cadastrados no campus Luiz de Queiroz, em 2005 nas diversas atividades da Esalq, o número de anos equivalentes ao sequestro de carbono das APPs dobraria, chegando a 180.

PROJETO - Intitulado modelos de recuperação de áreas degradadas com espécies nativas em duas regiões do Brasil visando o sequestro de carbono, o projeto coordenado por Gandara é o primeiro do Brasil a estudar o sequestro de carbono exclusivamente no bioma Mata Atlântica.

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

Projeto de carbono exclusivo no bioma Mata Atlântica

mos o comportamento em locais com solo e clima diferentes", afirmou Gandara.

Também foram testados reflorestamentos com maior adensamento de espécies, cultivadas com adubação constante (desde o plantio até a cobertura), além de ser feito o controle das espécies invasoras (capins e outras pragas que competem com a muda de árvore).

O sistema foi chamado de potencial máximo e ficou comprovado nos dois anos de estudos, que o de sequestro de carbono é maior que o de um sistema usual, quando apenas o plantio é adubado e o controle das invasoras feito apenas ocasionalmente.

Também foi considerado aquilo que os pesquisadores chamam de linha de base. Ou seja, quanto seria sequestrado caso nada fosse feito (mesmo o capim e pragas vegetais sequestram carbono, embora em menor quantidade).

Para fazer o cálculo a pedido do JP, Gandara considerou um média entre a quantidade mínima sequestrada em um reflorestamento usual, e a máxima possível em alta densidade por hectare e

(coordenação); e os engenheiros João Dagoberto Santos, Eduardo Copenner Florestal Ltda. Pela Departamento de Ciências Florestais da Esalq José Luiz Stape



Mateus Medeiros/JP

CLIMA TROPICAL

Professor Flávio Gandara, estuda fixação de carbono com espécies do bioma Mata Atlântica

adrição de fertilizante.

Além de Gandara, participaram da pesquisa o professor do Departamento de Ciências Florestais da Esalq José Luiz Stape

(coordenação); e os engenheiros João Dagoberto Santos, Eduardo Copenner Florestal Ltda. Pela Departamento de Ciências Florestais da Esalq José Luiz Stape

Jacyr Mesquita Alves e a engenheira Aline Angeli, ambas da Copenner Florestal Ltda. Pela Departamento de Ciências Florestais da Esalq José Luiz Stape

trabou, atuaram no projeto os engenheiros Paulo Cunha, Igor Mello e Cláudia Pavan.

Metodologia é questionável

A necessidade de uma pesquisa como a coordenada pelos pesquisadores Flávio Gandara e José Luiz Stape, ambos da Esalq, coloca em dúvida a credibilidade dos propagandeados programas de neutralização de carbono, transformados em uma espécie de salvo-conduto para que se continue emitindo gases do efeito estufa.

Isso porque esse programas não seguem uma metodologia confiável. Há inclusive sites que calculam automaticamente o número de árvores que a pessoa precisa plantar para neutralizar suas emissões. “Mas quais árvores? Em que lugar?”, questiona

Gandara. Segundo ele, a metodologia seguida pelos programas da “onda da neutralização” é baseada em níveis de seqüestro de carbono por árvores de outros países. Regra que não se aplica para os diversos biomas brasileiros.

Tanto que não há um único projeto florestal brasileiros sequer, que negocie seus créditos de carbono no mercado internacional. “Falta uma metodologia confiável e é essa é uma das finalidades dessa pesquisa”, disse Gandara. Embora sejam uma possibilidade para reduzir os gastos, a comercialização de créditos de carbono não banca todos os custos de um reflorestamento.